

statement in a bold and adventurous manner. The text is an invaluable aid for both specific referencing and an overall modern view of the topography of current and past world literature. Future editions should work to maintain the fresh attitude of the text and keep pace with current trends, especially with regards to the final chapter of the work and thus continue to work in actualising Goethe's 1827 message, quoted within the opening pages, regarding how "national literature has not much meaning nowadays: the epoch of world literature is at hand, and each must work to hasten its coming" (Strich, *Goethe and World Literatur*, p. 349).

Erik Van Achter & Luke Connolly

CARTOGRAFIAS DA VOZ: POESIA ORAL E SONORA. TRADIÇÃO E VANGUARDA
FELIPE GRÜNE EWALD, FREDERICO FERNANDES, JULIANA FRANCO ALVES, MARCELO RODRIGUES JARDIM, SOFIA APARECIDA VIDO PASCOLATI (orgs.)
 Curitiba, PR., Letra e Voz, 2011
 250 páginas, ISBN 9788562959097

Os volumes acadêmicos de autoria coletiva materializam o modo de produção e publicação da investigação científica atual. Resultado de uma compilação (integral ou seletiva) de textos originalmente apresentados em encontro científico que precedeu a publicação, ou, menos frequentemente, de uma

encomenda feita por um organizador ou grupo de organizadores, acabam por constituir amostras de projetos em curso que usam metodologias diversas aplicadas a objetos também diversos. Este modo de produção de publicações, eficaz para fazer circular a informação e o resultado da investigação em curso, torna-se problemático enquanto forma de gerar a unidade discursiva e conceitual a que chamamos livro. Por um lado, nem sempre é possível organizar todos os textos de modo a conseguir a desejável coerência temática e metodológica. Por outro lado, a qualidade científica e comunicativa dos textos tende a ser muito variável entre si. Daqui resulta, por vezes, a dificuldade em encontrar um foco de atenção e uma intervenção crítica sustentada ao longo de todo o volume.

A intervenção dos organizadores consiste fundamentalmente em estruturar da melhor forma possível a diversidade temática e metodológica, por um lado, e em minorar a eventual variação na qualidade dos artigos. Na medida em que os textos se mantêm geralmente estanques entre si, o volume tem de ser lido mais como uma coleção ou compilação avulsa de textos que reflete as contingências do seu modo de produção do que como uma intervenção crítica plenamente articulada. Mesmo quando a contingência original se circunscreve a um único projeto de investigação ou a um colóquio com um tema bastante delimitado, o grau de variação é suficientemente grande para tornar difícil

ultrapassar a condição de coletânea de artigos. Que os textos continuem a ter que manter a forma de artigos independentes e raramente possam assumir a forma de capítulos mostra como este gênero de livro se situa a meio caminho entre uma revista científica de estrutura temática aberta e um livro propriamente dito.

O dilema que os organizadores destes volumes têm de enfrentar pode ser expresso através da pergunta seguinte: como fazer um livro com artigos? A resposta combina geralmente duas estratégias. A primeira consiste em encontrar um título que garanta a máxima área de intersecção entre todos os textos, o que implica, por vezes, reformular o título do evento que originou o livro de modo a torná-lo mais específico ou mais adequado ao conjunto final de artigos seleccionados. A segunda passa por desenvolver uma lógica de ordenação que faça emergir partes e relações entre partes, sequenciando as partes e os artigos que as integram de modo a sugerir progressão, reiteração, ramificação, contraposição, enfim, uma série de relações concetuais que permitam ao leitor ligar ou separar os artigos entre si e pensá-los no horizonte do livro que os acolhe e os coloca em jogo. O processo organizativo passa pois por um movimento de vai e vem entre a ordem dos discursos, com as suas referências teóricas e os seus métodos próprios, e a ordem bibliográfica, com a sua macroestrutura de secções, capítulos e partes até ao todo do volume.

Ora é justamente no conflito entre a ordem dos discursos e das disciplinas e a ordem do livro que *Cartografias da voz* reflete o modo de produção delineado acima, constituindo, a meu ver, uma tentativa parcialmente bem sucedida de ultrapassar aquelas limitações. Este reflexo começa desde logo na adequação apenas parcial entre o título e o conteúdo, já que a diversidade metodológica e temática dos textos não parece unificável através do conceito “voz”, que está ausente em vários dos textos. Por isso o subtítulo da obra – ao integrar “poesia oral” e “poesia sonora”, por um lado, e “tradição” e “vanguarda”, por outro – não funciona apenas como uma restrição ou especificação do título, mas sobretudo como uma adição, sugerindo uma soma de tópicos segundo um princípio de diversidade eclética mais do que de coerência teórica. É certo que o título não é totalmente desadequado e que algumas das expectativas que levanta são de facto bem preenchidas (designadamente na parte 2 e na parte 3), mas a articulação teórica de perspectivas que o título sugere está apenas implícita e embrionariamente expressa.

De resto, a nota inicial dos organizadores sublinha as “largas divergências” dos participantes no colóquio, um sinal da dificuldade de articulação programática das poéticas da voz no “Primeiro Seminário Brasileiro de Poéticas Oraís”, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina, Paraná

(entre 20 e 22 de outubro de 2010), e que deu origem aos textos deste volume. Talvez por isso os próprios organizadores tenham decidido não produzir mais do que uma breve nota de apresentação, em vez de um capítulo que articulasse plenamente o título feliz (mas parcialmente equívoco) do livro. O título deve pois ser entendido mais como a constatação de uma hipótese de partida para um projeto de investigação ainda em curso do que a demonstração teórica e analítica da conjugação que enuncia entre vocalidade, oralidade e poética.

Os títulos das quatro partes mantêm com os artigos que agrupam diferentes tipos de adequação. A primeira parte, intitulada “Em torno da poesia oral: perspectivas teórico-críticas”, contém artigos muito díspares entre si e que só de forma muito parcial se poderiam subsumir no conceito ‘poesia oral’. Jerusa de Pires Ferreira (pp. 11-22) centra a atenção nos processos afetivos e cognitivos da leitura, com referências a obras de Maria Lúcia Medeiros e à literatura de cordel como conjugação do oral e do impresso. José Guilherme Fernandes e Salim Jorge Santos (pp. 23-42) elaboram um quadro de análise estrutural da narrativa que designam como análise morfológica de narrativas, com 19 variáveis baseadas na narratologia clássica de Propp, Barthes, Jakobson e Todorov, mas que não são articuladas com a oralidade. A análise de Paulo de Tarso Galembeck (pp. 43-53) baseia-se em modelos conversa-

cionais e interacionais e consiste num estudo empírico da expressividade linguística em sala de aula, considerada a nível dos elementos prosódicos e verbais. Por último, Sylvie Dion (pp. 54-67) propõe uma série de análises de lendas urbanas, mostrando a sua relação com as lendas tradicionais e com o *fait divers* jornalístico moderno.

Já o título da parte 2, “Experimentos com a voz no século XX”, é o que estabelece a relação mais coerente e descritiva com o respetivo corpo de artigos. Os artigos de Enzo Minarelli (“La combinación ganadora de vacío/lleño”, pp. 71-80), Fátima Carneiro dos Santos (“Vozes na cidade: por uma escuta que inventa”, pp. 81-92) e Fernando A. Stratico (“A oralidade e o silêncio performático”, pp. 93-106) tratam objetos distintos mas acabam por se interetar na consideração das dinâmicas da voz humana e da escuta em torno das tensões cheio/vazio, som/ruído, som/silêncio e linguagem/*performance*. Minarelli percorre a história da poesia sonora no século XX desde o futurismo, descrevendo a prática da polipoesia (formalizada no seu manifesto dos anos 80) como uma articulação entre o “cheio” da vocalidade e o “vazio” da oralidade. Fátima Carneiro dos Santos pensa acusticamente a cidade a partir de Cage, Benjamin, Deleuze, Guattari e Calvino, sugerindo-a como percurso que cartografa o espaço a partir das ramificações e conexões geradas pela escuta. Fernando A. Stratico analisa a voz do silêncio na arte da *performance*,

tomando a teoria do desejo na linguagem de Kristeva como instrumento de análise.

“Pelo Brasil... pejejas da memória”, título da terceira parte, agrupa um conjunto de ensaios que tratam quer a interação entre o oral e o escrito nas narrativas da cultura popular e indígena brasileira, quer a presença do oral em formas escritas. Ana Lúcia Tettamanzy (pp. 109-126) passa em revista a teorização antropológica da passagem do oral ao escrito aplicando-a à voz guarani, chamando desde logo a atenção para “as contradições inerentes a quem está no papel de mediador entre universos distantes e sua ambivalência em relação à cultura escrita” (p. 109). Depois de uma descrição sumária do crescimento da publicação literária indígena, o seu ensaio centra-se na análise da obra do escritor guarani Kaká Verá Jecupé, mostrando a complexidade dos processos de mediação cultural, linguística e grafológica. O artigo de Erich Soares Nogueira, “Vocalidade em Guimarães Rosa” (pp. 127-141), descreve, de certo modo, o percurso inverso: a aproximação do escrito ao oral, através da busca da oralidade que se encontra na obra de Guimarães Rosa, de que são exemplo a incorporação de elementos do tupi-guarani (veja-se a análise da narrativa “Meu tio o Iauaretê”) e, em geral, as representações da vocalidade enquanto excesso da linguagem, identificadas em várias narrativas. O artigo “Memória para a história: raízes, de Augusto Proença” (pp. 142-156), de

Eudes Fernandes Leite, analisa o problema da representação da história na ficção de Augusto Proença a partir da posição teórica de Hayden White. Não tratando dos problemas de construção e mediação da voz, ajuda a compreender a opção pelo conceito “memória” como conceito unificador desta terceira parte em detrimento de “oralidade” ou “vocalidade”, porventura mais pertinentes para o conjunto dos seis artigos.

Geice Peres Nunes, em “A alteridade em construção na poesia popular do Nordeste” (pp. 157-168) analisa a enunciação da *persona* do cantor e do seu antagonista em *A malassombrada pejeja de Francisco Sales com o “Negro Visão”*, colocando as técnicas de improviso dos cantadores populares no contexto da competição com os meios de comunicação de massa. Os dois ensaios seguintes analisam narrativas orais a partir da tematização da memória coletiva: “Memória, mentira e esquecimento entre contadores de ‘causos’ gaúchos” (pp. 169-187), de Luciana Hartman, e “Memória e marcas de enunciação na voz do contador de narrativas amazônicas” (pp. 188-203), de Maria do Socorro Simões. Luciana Hartman examina a construção e transformação da memória comunitária nas narrativas bem como as dinâmicas entre oralidade e escrita nos processos de autopublicação dos contadores gaúchos. Maria do Socorro Simões centra-se na reconstrução dos contextos de enunciação e na identificação de alguns universais mitológicos e morfológicos nos contos

recolhidos. Nestes três artigos, a metodologia combina observação etnográfica com análise literária no estudo das tradições poéticas e narrativas orais.

Na quarta parte da obra, “Vozes nas ondas do rádio”, a questão da mediação das narrativas é tratada a partir das formas e efeitos da rádio nesse processo. O primeiro artigo, “Audiorretratos: Histórias de Vida no Rádio”, de Patricia Zanin Heitzmann, analisa a rubrica radiofônica daquele nome da UEL FM (emissora educativa da Universidade Estadual de Londrina, PR), contextualizando-a no interesse generalizado pelas histórias biográficas e descrevendo os efeitos comunicativos dos depoimentos radiofônicos a partir da relação entre o seu conteúdo e os processos de registo, edição e montagem da voz. O último artigo, “Poéticas Sonoras: *Estação Raul*”, é constituído por cinco depoimentos sobre a rubrica radiofônica do mesmo nome (transmitida igualmente na UEL FM) dedicada ao cantor e compositor rock Raul Seixas (1945-1989). Neste caso, no entanto, não é a mediação radiofônica que é objeto de análise mas sim as próprias letras das canções do compositor, que são lidas a partir de perspectivas filosóficas e biográficas.

Em suma, *Cartografias da Voz* oferece uma amostra rica das possibilidades de pensar as poéticas da voz, seja a partir da performatividade da poesia sonora de vanguarda e da narração

popular oral ou a partir das mediações técnicas da escrita, do livro e da rádio. As metodologias aplicadas demonstram a produtividade de se combinarem análise literária e linguística com descrição antropológica e etnográfica e com análise dos processos técnicos de mediação. No entanto, este conjunto de estudos, alguns dos quais resultantes de trabalho de campo, estão ainda insuficientemente teorizados. De certo modo, o trabalho teórico que a leitura deste volume suscita fica em grande medida nas mãos do leitor, uma vez que está de facto por fazer. O resultado é uma soma discreta de textos pouco articulados entre si, sendo francamente divergentes as vozes dos seus discursos. O levantamento dos discursos e métodos usados para cartografar a voz mostra-nos diferentes pontos de partida e de chegada dos autores e, sobretudo, a necessidade de se aprofundar o programa de estudos numa direção que cumpra a promessa de articulação contida no título. Este programa, para o qual este livro aponta de forma excessivamente implícita, reivindica uma atenção sistemática à voz, capaz de descrever e analisar em simultâneo as poéticas da voz das práticas artísticas de vanguarda e das práticas artísticas populares nos seus processos performativos e de mediação.

Manuel Portela